



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Clínica Asa Branca, do Programa Brasil Sorridente

Caruaru-PE, 11 de fevereiro de 2005

Deixem-me dizer uma coisa para vocês, até porque eu não venho aqui todo dia, nem toda hora, e quero aproveitar que estou aqui para dizer algumas coisas para vocês.

Obviamente que nós, políticos, estamos habituados e calejados de fazer política em lugares os mais diversos possíveis. Agora, é muito importante o seguinte: acabou de ter uma disputa eleitoral em Caruaru, há um resultado, tem gente que não aceita o resultado e, portanto, protesta, com as mais diferentes razões – não discuto aqui se certas ou erradas, porque não é nem o meu papel, não sou nem juiz eleitoral. Há o Prefeito que tomou posse, há o Governador do estado. Pode ter gente contra ou a favor, e há personalidades representadas pelo povo desta cidade e da região.

Então, o que é importante lembrar a vocês é o seguinte – eu vou dizer isso porque isso vai ser uma tônica, daqui para a frente, nos lugares em que eu for: eu fui, uma vez, a uma cidade chamada Pirapora, três dias depois das eleições, e o povo me chamou para uma manifestação contra o prefeito que tinha sido eleito. Eu falei: “Mas eu não posso ir, porque faz três dias que o rapaz ganhou as eleições, como é que eu posso ir a uma manifestação contra o rapaz? Se tem algum problema, vai para a Justiça, a Justiça julga, apura, vê o que é. Não tem problema”.

Agora, eu queria dizer para vocês que em política tem muitos momentos em que a gente tem que pensar como agir. Eu, como presidente da República,



e acho que os ministros também, e qualquer um... É sempre muito desagradável quando você vem para uma inauguração que não tem uma disputa política e uma autoridade, as pessoas – merecido ou não, não tem problema – não conseguem fazer um ato, e dá para a imprensa o pretexto de, amanhã, ao invés de sair a manchete da faculdade para Caruaru ou a inauguração, sair que o Prefeito foi vaiado, que o Governador foi vaiado, que o Presidente foi vaiado ou que o Ministro foi vaiado. E aquilo que é a coisa mais importante, muitas vezes, não sai na imprensa.

Eu estou dizendo isso porque daqui para a frente é importante que cada um de nós cuide bem disso, porque eu tive uma experiência, agora, no Fórum Social Mundial, em que, num lugar que tinha 12 mil pessoas tinha, lá, 60 ou 70 pessoas de um partido recém-saído do PT, e o que a imprensa deu de destaque foi a vaia, quando poderia ter dado que 12 mil aplaudiram e 100 vaiaram. Mas não deu.

Eu também penso que vaia e aplauso são a mesma coisa, um se faz com a mão e o outro se faz com a boca, mas é uma demonstração de exercício democrático da população, que a gente também tem que aprender a conviver com ela, sem achar ruim.

Como eu tenho muitos anos... Vocês não sabem o que foi vaia na fundação da CUT, na Praia Grande. Tinha metade que não queria criar a CUT e metade que queria criar, e eu tive que falar por uma hora embaixo de vaia da metade que não queria criar a CUT. Os ouvidos é que têm que se acostumar, tem que preparar os ouvidos para as duas coisas, que a gente termina fazendo as coisas bem.

Eu queria cumprimentar o Governador,

Cumprimentar os ministros, aqui presentes,

Dizer para vocês que é uma alegria imensa estar aqui, junto com nosso querido bispo Dino Marchiό, bispo de Caruaru,

O nosso bispo Irineu Scherer, bispo de Garanhuns,



Os nossos ilustres visitantes de fora,
Nosso prefeito João Paulo e outros prefeitos de cidades vizinhas que
estão aqui,

Os meus queridos prefeitos,
Os nossos queridos deputados federais,
Deputados estaduais que estão aqui,
O nosso querido Coordenador do Projeto Asa Branca,
Os alunos e o povo de Caruaru,
Os vereadores aqui presentes,
Os professores,
Os estudantes,
O nosso querido Reitor da Universidade Federal de Pernambuco,
Nossos deputados estaduais,
Eu estou vendo até o Nelson, de Mirandiba, aqui,
Nossos deputados federais,

Eu quero dizer uma coisa para vocês: este Programa Brasil Sorridente é para mim uma coisa sagrada. E por que o Programa Brasil Sorridente é uma coisa sagrada? É porque, historicamente, no Brasil, a boca nunca foi tratada como uma questão de saúde pública; a orelha é tratada como uma questão de saúde pública; a língua é tratada como uma questão de saúde pública. Em qualquer convênio médico entre uma entidade, entre um sindicato, uma entidade qualquer com uma empresa prestadora de assistência médica, o corpo humano todo é tratado como uma questão de saúde pública, os dentes, não. Não há o compromisso com a saúde bucal neste país. Não havia, pelo menos, compromisso com a saúde bucal neste país.

E é por uma brincadeira que eu faço sempre, ou seja, é porque quem tem dor de dente é pobre; rico não tem dor de dente, porque rico tem tratamento odontológico ao seu alcance do dia em que nasce ao dia em que



morre, o pobre não tem. Na medida em que o poder público não oferece saúde bucal para a população... Uma menina de 14, 15, 16, 17, 18, 19 anos, mulheres lindas com 20, 25, 30 anos, já estão sem dentes na frente. Às vezes você vai num ato público e pergunta: aquela pessoa não sorri? Aquela pessoa não abre a boca? Aquela pessoa não fala? É porque a pessoa tem vergonha de mostrar a “janela”. Aquilo que é bonito numa criança de seis anos de idade, quando está trocando os dentes, fica feio num adolescente ou num adulto. Então, as pessoas não sorriem. E quem não sorri não pode ser feliz, gente.

Não há nada mais bonito num ser humano do que um sorriso. No sorriso a gente transmite 99% das emoções e das coisas que nós estamos sentindo. Além de que, para namorar, é mais fácil com alguém que tenha todos os dentes da boca tratados direitinho, homem e mulher.

Então, o companheiro Humberto Costa sabe da nossa determinação logo que ganhamos as eleições. Saúde bucal tem que ser tratada como uma questão prioritária neste país. Nós não podemos achar normal, em época de eleição, um político-mau caráter dar uma dentadura para um pobre colocar na boca. Esse pobre não foi ao dentista nenhuma vez, não foi ao protético nenhuma vez, não fez nenhum teste e, de repente, sai com uma dentadura que não cabe na boca dele, porque é grande ou é pequena demais. Isso acontece em todos os estados deste país e, sobretudo, nas regiões mais empobrecidas.

O coitado do pobre, quando tem um buraco no dente, manda arrancar porque não tem dinheiro para fazer um tratamento de canal, e o poder público não oferece. A gente só vê filho de rico com correção nos dentes. Por que o filho do pobre não pode ter também?

Então, o que nós estamos fazendo com o programa de Saúde Bucal é tornar a sociedade brasileira, pelo menos no que diz respeito à saúde, uma sociedade equânime; uma sociedade tratada em igualdade de condições, uma sociedade em que todos possam receber o mesmo tratamento. Não é possível que isso não possa acontecer num país da dimensão do Brasil.



Então, eu acho que nós estamos apenas cumprindo uma função, eu diria, que não é nem de político, mas de cristão, de garantir o direito sagrado de uma pessoa de 60 anos de idade poder ter uma prótese bonita, e não como tinha antigamente, naquelas clínicas populares, quem está lembrado? As tais das clínicas populares, em que o cidadão ia lá, não fazia nem prótese, não fazia modelo, não fazia nada. Chegava lá e tacavam uma dentadura na boca dele. O coitado andava com a boca desse tamanho. Não. Isso é respeito, vocês vão perceber. Quem está vindo se tratar aqui é tratado como se tivesse no Primeiro Mundo, é tratado igual.

Se alguém aqui, em Caruaru, for num dentista particular e for tratado melhor do que aqui ou se o serviço que o dentista particular oferecer for melhor do que o daqui, pode telefonar para o Ministério, porque algo está errado. Pode telefonar.

Aqui é para dar tratamento de qualidade. Aqui é para utilizar material de primeira, aqui é para utilizar material que as pessoas tenham orgulho, e não é para pobre, não. Não é para pobre. Aqui pode vir o rico de Caruaru, que ele vai saber que vai ser bem tratado, pode vir a classe média, que vai perceber que o material é de primeiríssima qualidade. E, às vezes, o que ele vai fazer de graça, aqui, ele pagaria alguns milhares de reais aí fora.

Este é o objetivo deste Centro de Saúde Bucal. Cada centro desses vai atender a uma população de mais ou menos 500 mil pessoas. Por isso é que serão 400 centros espalhados pelo Brasil.

Eu tive a oportunidade de inaugurar o primeiro, na terra do nosso querido Ciro Gomes, lá em Sobral. Estamos inaugurando este aqui e mais 16 no dia de hoje. E vamos, se Deus quiser, terminar este ano inaugurando os 400 centros de Saúde Bucal neste país, em que as pessoas vão marcar consulta por telefone. Ninguém vai ter que chegar aqui às 5 horas da manhã e ficar esperando para saber que não tem vaga às 2 horas da tarde. As pessoas podem marcar por telefone, vir aqui, pegar o ônibus no horário, serem tratadas



e voltar. Se não estiver acontecendo assim, alguma coisa está errada, por favor, nós precisamos saber. Nós precisamos saber, porque isso foi feito para funcionar da forma mais decente possível. Senão, não vale a pena a gente dar tanta importância, como a gente está dando, nessa questão de saúde bucal.

Mas, também, não foi só por isso que eu vim aqui. Nós fomos a Surubim inaugurar a Adutora Jucazinho, uma coisa que estava há muitos e muitos anos funcionando à meia-boca. Eu sei que já teve até inauguração dela, um tempo atrás, porque neste país, também, em época de eleição se inaugura um monte de obras que não estão prontas. Em época de eleição é uma desgraça.

Eu fui, no mês passado, lá em Osório, no Rio Grande do Sul. Fui dar ordem de serviço para a BR-101 Sul, que é uma estrada importantíssima para a integração do Mercosul. Cheguei lá e encontrei o operário que recebeu da mão do governo passado, num ato igualzinho ao que eu fiz, a carta de serviço. Aí, o empregado me devolveu a carta de serviço, porque a ordem de serviço foi dada em junho de 2002, fez-se uma festa lá, muito rojão, muito foguetório, muito “trolólo”, como é de hábito. Aí, acabou o ato, foi todo mundo embora e não moveram um palito. Então, dois anos depois, nós fomos lá dar a ordem de serviço para a obra funcionar.

Aqui em Jucazinho é a mesma coisa. Aqui em Jucazinho, é verdade que o governo do estado colocou dinheiro, quando faltou do governo federal, é verdade, e é assim que a gente faz parceria. Mas é verdade, também, que a gente vinha inaugurá-la no ano passado e aconteceu que a água, por conta da região, ficou salobra e nós não pudemos vir inaugurar. E, hoje, fomos inaugurar e, certamente, vai resolver grande parte do problema da falta de água da cidade de Caruaru, vai resolver parte do problema.

Mas outra coisa importante que nós viemos fazer aqui, hoje, é a questão da universidade. Vejam, era um desejo que agora começa a se tornar realidade, fazer com que as duas grandes universidades públicas do estado de Pernambuco, as federais, tanto a rural quanto a federal, pudessem estender-se



para o interior.

Nós, então, estamos levando a universidade rural para a região de Garanhuns e estamos trazendo a federal para a região de Caruaru, para que a juventude possa sonhar. E, no nosso prognóstico, agora no mês de junho já pode até ter vestibular. E a gente pretende ter, quando estiver tudo funcionando aqui, no mínimo, 2.400 alunos estudando, e um bom time de professores, porque isso vai ajudar muito a dinamizar o crescimento desta região, o crescimento desta cidade e, porque não dizer, o crescimento do estado de Pernambuco.

Mas, mais importante ainda, gente, é importante vocês saberem: nós temos grandes projetos para o Nordeste brasileiro, grandes e bons projetos. O Programa de Biodiesel, que nós já lançamos e em junho, em várias regiões do Nordeste já estará produzindo; eu vejo nele a possibilidade de dar ao Nordeste brasileiro a segunda grande chance de se desenvolver.

A primeira foi a criação da Sudene, que funcionou bem até um certo tempo. Mas, depois, as idéias de Juscelino foram jogadas na gaveta por outros, e a Sudene teve que ser fechada por denúncia de corrupção. O ministro Ciro Gomes reabriu a Sudene e, agora, estamos arrumando dinheiro para que a Sudene possa atender o projeto de desenvolvimento para o Nordeste brasileiro.

O Programa de Biodiesel pode mudar a matriz energética, no que diz respeito a combustível, para o nosso país, porque o biodiesel é menos poluente do que o diesel, gera muito mais emprego do que o diesel e pode resolver grande parte do problema dos países pobres do mundo, porque não vale apenas para o Brasil, vale para países africanos também, e para outros países da América do Sul.

E o mundo desenvolvido, que é responsável por 70% da poluição do planeta Terra, se não quiser fechar as suas fábricas, comece a produzir carros a biodiesel e a comprar biodiesel dos países pobres, o que ajudará a



desenvolver os países pobres. Todos nós sabemos que o petróleo tem limitação, um dia ele vai acabar, e o Brasil não vai ser pego de calça curta. Quando ele acabar, nós teremos biodiesel para vender, não apenas para o Brasil, mas para o mundo. Este é um grande Programa.

O segundo grande programa, que eu pretendo, agora, em março, ou no começo de abril, vir dar a ordem de serviço, é a duplicação da BR-101 Nordeste, a começar no Rio Grande do Norte. Nós vamos dar a ordem de serviço para os trechos no Rio Grande do Norte, na Paraíba e em Pernambuco, até Palmares, porque essa é uma rodovia que na hora em que a gente concluir em Alagoas, Sergipe, até Salvador, vamos estar construindo, possivelmente, um dos maiores corredores de turismo do mundo. São praticamente sete estados da Federação em que as pessoas vão poder transitar de carro, próximas às praias, portanto, podem desenvolver de forma extraordinária o setor turístico do Nordeste brasileiro.

E o terceiro é a revitalização do rio São Francisco, que é uma obra que foi sonhada desde 1846 por Dom Pedro II. É uma obra que tem muita controvérsia, nenhuma científica, mas muita paixão, muita coisinha: “Ah, porque a água é da Bahia, não pode sair da Bahia; porque a água é de Petrolina, não pode sair de Petrolina”. Agora, o que eu quero saber: quem é que vai dizer que 10 ou 15 milhões de nordestinos devem continuar morrendo de sede, porque a gente não pode tirar um pouquinho d’água do Nordeste para trazer para cá?

Normalmente, quem é contra mora numa casa com água encanada e ainda pode comprar água de garrafa para pôr na geladeira, porque não é possível alguém querer negar um copo d’água, um balde d’água ou um tanque d’água para que uma família... como eu fui, aqui perto, – Humberto Costa, meus companheiros de Pernambuco – em Afogados de Ingazeiro, à casa da mulher no aeroporto. Na casa daquela mulher, eu cheguei lá, um dia, e fazia



três dias que as crianças não iam para a escola porque não tinha água para tomar banho e nem para lavar roupa. E tem gente que acha que tem que continuar assim. Não vai continuar assim.

É por isso que o companheiro Ciro Gomes, que eu coloquei como ministro para cuidar deste projeto, está disposto a debater onde quiserem debater; podem convidar para debater onde quiserem, nós vamos debater. Vamos debater, porque só sabe o que é a seca quem vive na seca; só sabe o que é a fome quem já passou fome. E este país não vai continuar brincando. E eu estou muito à vontade, Ciro, porque nunca prometi fazer a transposição, nunca. Já fui xingado em muitos estados, durante a campanha, porque me recusava, mas vou fazer. Vou fazer porque sei o que é ir buscar água num açude e ficar separando cocô da água, cocô de cavalo, cocô de cabrito, para pegar água numa canequinha, colocar num pote, deixar assentar, para depois, no dia seguinte, tomar um metro de barro dentro da água com caramujo. Eu sei, porque eu já bebi; sei porque já fui buscar água em açude. E nós não vamos permitir que o Nordeste brasileiro, sobretudo o semi-árido nordestino, continue sendo pobre para enriquecer dono de caminhão-pipa, para enriquecer determinados políticos em época de eleição. Não vamos permitir, portanto, nós vamos fazer.

E vamos fazer mais coisas ainda. Eu disse ao Tarso Genro e disse ao Reitor: vamos fazer a reforma universitária. Este país precisa de uma reforma. Outro dia eu fui a Alagoas, Tarso, e tinha um grupo lá, que eu não vou dizer quem era, me chamando de traidor por causa da reforma. Eu nem tinha recebido o projeto ainda, nem tinha começado o debate, e eles já eram contra.

Ora, eu disse ao Reitor, esses dias: essa reforma não é minha, eu não sou estudante, não sou professor universitário, não sou dono de universidade, não sou reitor e não vou entrar mais na faculdade, porque não tenho mais tempo para isso. Essa reforma tem que ser de interesse das universidades brasileiras e da sociedade brasileira. Portanto, vocês tratem de se entender e



fazer um projeto que atenda aos interesses soberanos do povo brasileiro para que a gente aprove essa reforma. Porque tem gente que não aceita nenhuma reforma, nem da casa ele aceita reforma. E eu acho que nós precisamos fazer.

O Humberto Costa falou do remédio, o remédio vendido em avulso. Vejam que absurdo: alguém se levanta com dor de cabeça de manhã. Você, tomou um “goró” a mais e se levantou com dor de cabeça. Aí, quer tomar um comprimido. Ora, vai à farmácia e fala: “me dá um comprimido”. Não vou dizer o nome aqui, para não fazer merchandising, mas qualquer um desses analgésicos. Você tem que chegar lá e comprar um envelope com quatro ou com oito, toma um e o resto fica para uma cesta. Toda casa, aqui, tem uma cesta de remédios que vão ficando lá, e vão ficando vencidos.

Um dia, eu chamei o Humberto e falei: “Humberto, eu fui ao médico e ele me deu dois envelopes de dez comprimidos. Eu tomei dois e sarei. O que eu faço com os outros?”. Tem gente que se machuca e todos nós pensamos que somos médicos. A gente pode estar numa rodinha como essa aqui, num bar, aí chega alguém e fala: “Puxa vida, meu vizinho está doente”. Já está o cara do lado falando assim: “Eu tomei tal coisa e sarei, dá para ele”. Como se a reação do corpo humano fosse a mesma.

Nós precisamos, os laboratórios vão brigar conosco, não tem problema, essa é uma briga justa e as brigas justas e boas nós não temos que temê-las, o povo tem que ir à farmácia e comprar apenas o remédio que ele tem que tomar, ele não tem que ter “arquivo morto” para remédio, o farmacêutico é quem tem que ter. Então, essa é uma briga boa que nós vamos ter que comprar, porque em outros países do mundo é assim e nós vamos continuar assim.

Por último, meus companheiros, eu quero dizer para vocês que estou extremamente feliz. Nós temos apenas dois anos de governo, e o Tarso Genro não pôde falar aqui, porque falou lá dentro. Mas eu tinha uma angústia com a questão da bolsa de estudos. Chegamos a discutir mil formas até que o Tarso



trouxe a proposta do ProUni. O que era o ProUni? Era, praticamente, criarmos um novo modelo, ou seja, pegar as universidades filantrópicas, as particulares, e discutir uma parte da isenção do imposto e transformar aquilo em bolsa de estudo.

Ora, chamamos a UNE para discutir; a UNE discutiu conosco, participou ativamente. Conclusão: nós criamos 112 mil novas vagas nas universidades privadas brasileiras para os nossos jovens. E aqui, no Nordeste, são praticamente 36 mil jovens que pegaram bolsa, ou seja, nós achamos que em quatro anos é possível chegar a 450 mil bolsas. Certamente será o maior programa que este país já conheceu nestes 500 anos de história.

Mas, mais feliz ainda eu estou porque as coisas começam a acontecer e a fluir. Eu sempre uso muito o futebol para mostrar as coisas, porque todo mundo conhece um pouco de futebol. Sabe, tem gente que, às vezes, vai com muita pressa para marcar o gol e toma um gol. E eu sempre achei que a política tem muita coisa a ver com o futebol. Nós temos que atacar, mas com cuidado, para o adversário não marcar um gol na gente, porque, a cada gol que ele marcar, fica mais difícil a gente tirar vantagem.

E vocês sabem da obsessão que nós tínhamos para fazer a economia brasileira ir se ordenando. Difícil. Difícil porque, quando você pega um paciente na UTI, é muito mais difícil do que se você conseguisse pegá-lo ainda no quarto, antes dele sair para a UTI. Pegamos o Brasil numa situação extremamente delicada e, hoje, eu posso dizer para vocês...

Aliás, Ciro, eu não te falei: neste mês de março, se Deus quiser, nós vamos ultrapassar os 100 bilhões de dólares de exportação. É um marco que muita gente jamais imaginou que pudesse acontecer. Em 2002, o Brasil tinha um déficit de conta de 32 bilhões. Hoje, o Brasil tem um superávit de 14 bilhões de dólares. Nós saímos de 32 negativos para 14 positivos, o que é uma revolução na economia brasileira.

E este ano, de 2005, eu estou mais otimista ainda. Cada ministro já está



mais consciente, mais maduro, o grau de confiança é muito grande, a auto-estima do povo brasileiro está à flor da pele. Nós estamos acreditando que somos bonitos, que sabemos carnaval, que sabemos futebol, que sabemos trabalhar e que não temos medo de disputar com nenhum povo, de nenhum país do mundo, em nível de qualidade, estamos preparados para crescer.

E hoje eu achei mais fantástico ainda, porque peguei – oh, Bruno Maranhão, você que mora em São Paulo, de vez em quando faz o seguinte... – todas as manchetes dos jornais: “Produção industrial é a maior desde 1986.” Portanto, é o maior crescimento da produção industrial brasileira desde 1986. Eu acho que as coisas estão acontecendo e vão acontecer. E vão acontecer da forma que têm que acontecer.

Eu aprendi, desde pequeno, por ter nascido em Garanhuns e muito miserável, a não rasgar nem nota de um real, quanto mais nota de 100. Os passos serão dados na medida certa, com o equilíbrio que me fez chegar à Presidência da República. Não pensem que eu cheguei de graça e que foi fácil, não. Eu tive paciência para perder três eleições. E, a cada uma que eu perdia, eu voltava para casa e falava: vou ganhar a próxima. Disputei mais duas e não ganhei. Para ganhar eu sei o que nós tivemos que fazer. E podem ficar certos que eu não jogarei fora esta oportunidade extraordinária, não de ser Presidente, mas de mostrar que a elite brasileira governou este país de forma equivocada durante muitos anos, e que pode se governar este país fazendo as coisas prioritárias para a parte mais pobre da população, fazendo a economia crescer sem que se precise prejudicar ninguém.

E eu estou convencido de que nós vamos chegar no final mandato, todo mundo que acreditou, com a consciência tranqüila de que não foi feito tudo, porque em quatro anos a gente não consegue fazer tudo e nós não conseguimos fazer. Mas o que é importante é que cada um que acreditou, cada um que trabalhou vai poder deitar a cabeça no travesseiro e dizer: nós não fizemos tudo, mas fizemos o máximo que podíamos no tempo que tivemos



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

para fazer.

Muito obrigado, gente. Boa sorte a vocês e até outro dia, se Deus quiser.